

www.harmonianet.org

VIDAS EM VERSOS

(espírito do menino *POETINHA*)

2ª Edição - 2012

Revisada conforme o novo Acordo Ortográfico



PABLO DE SALAMANCA

(médium)

2005

SOBRE O MÉDIUM

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente livro, “Vidas em versos”, foi terminado em dezembro de 2005, tendo como autor espiritual o “menino Poetinha”. Atualmente, no início de 2012, dez livros já foram concretizados pelas mãos de Pablo: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011) e *Sonetos para refletir* (2011).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer alguma injustiça. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é fotografia de **Leland Davis**, sem denominação, retirada do *site* <http://www.freerangestock.com> (acesso em 27/05/2009), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre para usuários registrados no referido *site*.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do “autor” (médium), após contato através do *e-mail* **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o “autor” e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
O PEQUENO POETA	2
O SEGUNDO LIVRO DO MENINO POETINHA	4
POESIAS	6
1- Vidas antigas de Poetinha	7
2- Joaquim de Angola	9
3- O nascimento de um poeta	10
4- Cigana Padilla	11
5- A nova chance do mascate	12
6- Mestre Macuco	13
7- O jardineiro	14
8- O Divino Carpinteiro	15
9- O guerreiro mongol	16
10- O velho solitário	17
11- O marinheiro sonhador	18
12- Padre Diego	19
13- O andarilho	20
14- O feiticeiro	21
15- O glutão	23
16- O moribundo	24
17- O poeta suicida	25
18- O alcoólatra	26
19- Maria das Dores	27
20- O jogador	28
21- O alfaiate	30
22- Indaiá	32
23- Padre Zé Bento	34
24- Conceição	35
25- O artesão	37
26- Mensagem final de Poetinha	39

INTRODUÇÃO

No dia 29 de abril de 1999, eu chegava em casa cansado, após um dia de trabalho estafante. Sentia-me até um pouco tonto, resolvendo tomar um banho imediatamente. Em seguida, senti-me melhor e comecei a arrumar algumas coisas de meu quarto. Enquanto arrumava, comecei a ouvir alguém que recitava versos. Procurei prestar atenção e percebi que aquela voz provinha de dentro de minha cabeça. Eu estava realmente surpreso, pois embora já tivesse psicografado muitas mensagens anteriormente, nunca havia imaginado receber poesias através da via mediúnica. Sentei-me e busquei uma folha de papel para escrever a poesia, o que fiz com certa dificuldade, por causa da ansiedade. Procurei relaxar alguns momentos e passei a ouvir uma história: “Apenas um menino. Pés descalços. Felicidade de graça. Luz. Caminhando pelo mundo vivia a rimar. Observando as flores, insetos, gotas d’água sob o sol, tudo era motivo para rimar. Na harmonia da natureza, procurava espelhar suas palavras. Deviam elas refletir a alegria que vem do Pai Maior. Aquela alegria que os homens, os adultos, haviam perdido. Ele esperava nunca perder o dom de ser feliz. Por isso, vivia a rimar. Perdera seus pais muito cedo e uma família de fazendeiros o acolhera, dando em troca um pouco de carinho, muito trabalho e um teto.”

Após a breve narrativa, que pude anotar numa folha, tive uma visão de um menino de cabelos claros, que trajava roupas humildes. Sua vida começou a se desenrolar, como um filme acelerado, na minha mente. O garoto tornou-se adolescente e começou a ser segregado dentro de sua comunidade, pois era analfabeto, órfão e sempre se comunicava através de rimas. Tornou-se homem e era considerado anormal. Seu sustento provinha de tarefas braçais que realizava na região onde nascera, e, pela incompreensão da maioria, acabou por preferir manter-se um tanto afastado das pessoas, embora eu tenha percebido que ele possuía grande paz interior, sempre apresentando um semblante feliz.

Solicitei à entidade que desse seu nome. Após um curto tempo, pude ouvir apenas a palavra “Poetinha”. Entendi que ele não desejava se identificar, ficando com uma forte impressão de que voltaria muitas vezes, provavelmente passando-me mensagens em forma de poesia, o que de fato ocorreu ao longo de um período de mais de um ano.

Depois deste período, percebi que as suas mensagens poderiam ser úteis às pessoas no seu dia a dia, pois a mim elas trouxeram estímulos para realizar modificações interiores, de forma a me tornar um ser humano mais solidário e compreensivo. Então, passei a pensar fortemente em publicá-las na forma de um pequeno livro (Sabedoria em versos), o que se concretizou posteriormente. No dia 19/01/2001, um mentor espiritual aproximou-se, ditando-me um resumo mais completo da vida que o “Poetinha” teve na Terra, o qual transcrevo na íntegra em seguida.

O PEQUENO POETA

Num dia incomum, no qual o sol parecia ter uma luz mais brilhante, e o céu um tom de azul mais profundo, nasceu um menino. Mais um ser chegava ao mundo, para o duro aprendizado da vida material. Era filho de humildes colonos de fazenda não muito rica, num vilarejo localizado no sopé de uma montanha. Sua infância era igual a de qualquer criança pobre, marcada por brinquedos feitos de sabugo de milho ou de madeira rústica. Aos três anos de idade, quando ainda ensaiava as primeiras palavras, perdeu seus pais devido a uma peste que assolou a região. O menino, desde então, ficara mudo. Fora poupado pela peste, mas não pelo dissabor da ausência dos pais. Os donos da fazenda, penalizados pela ocorrência, resolveram adotar a bela criança de cabelos claros.

Com o passar do tempo, acharam que o menino estava irremediavelmente mudo. Já contava com cinco anos e nada falava. Porém, prestava muita atenção às conversas dos adultos e parecia entender tudo. Numa ocasião em que a cidade provinciana estava em festa, o menino acompanhou seus protetores até o centro das algazaras. Estava espantado com o vozerio dos mercadores e com a gritaria das outras crianças. Aliás, nunca tinha visto tantas crianças juntas de uma só vez. Contudo, algo lhe chamou a atenção de forma realmente intensa. Num tablado improvisado, estava um homem a recitar belos poemas, em torno do qual havia um grupo de pessoas prestando vívida atenção. Ali ele estacou. Mesmo puxado por sua mãe adotiva, resistiu até que ela cedesse e permitisse a ele ouvir, por um tempo, os agradáveis versos. Depois daquele dia memorável para ele, o menino pareceu recuperar-se do trauma da morte dos seus pais de sangue. Tornou-se cada vez mais sorridente, apesar de ainda permanecer mudo. Outra característica que surgiu de sua personalidade era a prestatividade. Ele estava sempre pronto a servir e rapidamente se engajou nos afazeres da fazenda.

Aos nove anos de idade, quando questionado sobre um leite derramado pela mãe adotiva, para a surpresa dela e de todos da fazenda, respondeu com belas e precisas rimas. Daí por diante, ele passou a ser conhecido como “Poetinha”, pois falava somente através de versos.

Mas como a vida muitas vezes nos reserva surpresas não muito agradáveis, com o passar dos anos o menino virou rapaz, passando a ser alvo de preconceitos. A comunidade o considerava anormal por só se comunicar daquele jeito tão diferente, sendo ele, além disso, um analfabeto. Os pais adotivos do “Poetinha” já haviam falecido e, agora, ele ganhava a vida prestando serviços em fazendas da região, morando temporariamente num e noutro daqueles estabelecimentos agropastoris.

Ele só tinha um amigo verdadeiro, o Jorge, que o acompanhava nos seus trabalhos.

Jorge não gostava das brincadeiras pejorativas que faziam com seu amigo, não compreendendo porque o “Poetinha”, mesmo sendo segregado, mantinha sempre o semblante sereno e feliz. Um dia, contrariado, Jorge perguntou ao “Poetinha”:

- Como você pode se manter sorridente, até quando as pessoas teimam em te ridicularizar? Então, o menino feito homem fez um longo silêncio, mas como os olhos de Jorge permaneciam solicitando uma resposta, pela primeira vez “Poetinha” falou sem rimar, mas em suas palavras havia música:

- Caro irmãozinho, é difícil viver como o sol quando apenas vemos o astro rei fora de nós. Ele tem que estar dentro do peito. Para que assim seja, temos que alimentar o forno do coração com muita lenha de amor, perdão e fé. Perdoe aos males que te sejam feitos ou desejados. Devolva amor, paciência e sempre sorria. Os atos de Jesus, em sua missão sacrificial, eram como um permanente sorriso de complacência, ante a ignorância da humanidade. Tenha Ele como modelo, pois Ele veio para despertar a compaixão. Veio para transformar as duras carrancas das almas viventes, ajudando a eliminar os preconceitos, os ódios e a ignorância das leis de Deus, vivenciando o “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Por isso irmãozinho, perdoa sempre, pois assim os grilhões da dor sufocante não te atingirão. Vibre em tom mais elevado e a sua música se imporá sobre a balbúrdia dos enlouquecidos do mundo. A sua nota musical ajudará a transformar este lugar do universo, num jardim de paz, em dia breve. Não permita que a sua voz se some a das massas de irmãos, que ainda ignoram a Lei do Amor. Seja Amor! Assim viverás na Terra como o sol que brilha, doando luz para aqueles que ainda estão na lama do desprezo e do ódio.

A partir daquele dia, Jorge passou a respeitar profundamente “Poetinha”, nunca mais o questionando. Os anos se passaram e o homem “Poetinha” tornou-se um velho. Ainda rimava, embora com frequência preferisse ficar em silêncio. Seu rosto detinha uma serenidade mais profunda e a sua figura, agora adornada por uma densa barba e vasta cabeleira, alvas como a neve, faziam-no assemelhar-se a um santo. Já não trabalhava mais nas fazendas, agora tirando seu sustento da caridade alheia e de uma horta que mantinha, com esmero, nos fundos de sua moradia, um celeiro abandonado onde deixaram-no morar.

Nesta época, o bom velho era procurado pelas pessoas à busca de aconselhamento ou de algum consolo para seus sofrimentos. “Poetinha” acalmava seus corações com doces poesias, que sempre estimulavam à transformação interior e à renovação das esperanças. Seu amigo Jorge ainda o acompanhava, parecendo cumprir um papel de guardião do velho. Cuidava de suas necessidades e o ajudava, quando alguma doença queria se apossar de seu corpo combalido. “Poetinha” tinha cerca de dez anos a mais que Jorge.

Um dia, quando algumas pessoas foram procurar “Poetinha”, para ouvir palavras

benfazejas, encontraram Jorge triste. Este informou que o bom homem havia deixado o mundo. Nunca mais voltaria. Perguntaram-lhe como e quando, explicando Jorge quase resignado:

- Ontem ele me falou sem rimar, que iria voltar para a sua casa verdadeira, dizendo-me para não segui-lo e que Deus cuidaria de mim. Achei o seu jeito estranho. O olhar parecia perdido em alguma visão. Fingi que aceitei ficar em casa só, mas espreeitei seus passos, que dirigiram-se à montanha. Ele subiu vagarosamente com seu velho cajado, e quase lá em cima, depois de longa caminhada beirando a floresta, ele parou. Olhou para trás, mas eu me escondi numa moita. Ele olhou para a minha direção e parecia me ver através dos arbustos. Sorriu e deu-me as costas. Quando saí de trás da moita para continuar a segui-lo, ele entrou na floresta e o perdi de vista. Apressei o passo para alcançá-lo, pois poderia ser perigoso estar só dentro da floresta. Estava ainda a uma boa distância do ponto por onde ele havia penetrado na mata, quando vi uma bola luminosa sair por cima das árvores. Ela subiu, subiu e subiu, até sumir no céu. Comecei a correr até a floresta e gritei pelo “Poetinha” como um louco. Desesperei-me e perdi os sentidos. Voltei a mim somente na manhã de hoje, retornando para casa após muito chamá-lo na montanha. Tenho um forte pressentimento de que não verei mais o “Poetinha”.

A notícia se espalhou e muitas pessoas do vilarejo, gratas ao bom velho, fizeram sua busca por vários dias, mas nunca mais o acharam. Toda vez que alguém perguntava ao Jorge o que havia acontecido, o homem repetia a mesma história, no final concluindo que havia visto o espírito do “Poetinha” subindo para o céu.

O SEGUNDO LIVRO DO MENINO POETINHA

Já em 1999, notei que algumas poucas poesias de Poetinha tinham conteúdo diferente da maioria. Esta maioria era mais ligada a um processo de estímulo à autotransformação. As outras, consistiam em narrativas de vidas de pessoas diversas, mas que, por conterem erros muito humanos e acertos advindos do bom uso do livre-arbítrio, bem como demonstrações práticas da Lei do Karma, também despertaram o meu interesse em publicá-las na forma de um livro, já que o teor destas poesias seria bastante instrutivo no geral. Foi somente em 2001, que estas poesias sobre a vida de pessoas cresceram muito em número, confirmando que havia uma programação espiritual para publicá-las.

Desta maneira, passei a uma organização das poesias recebidas, tendo como base a cronologia de ordem de chegada. Em determinado dia, percebi intuitivamente que o montante de poesias que deveria compor a obra estava completo. O título do trabalho, eu já sabia desde muitos

meses atrás, “Vidas em versos”, que surgiu em minha mente como um “estalo” repentino. Então, passei à fase de digitação dos originais, com uma íntima satisfação de dever cumprido. Espero que os leitores gostem e que retirem destas narrativas, em formato poético, o melhor para as suas vidas.

POESIAS

1- VIDAS ANTIGAS DE POETINHA

I

Em silenciosa noite escura,
Implorei ao céu que contasse o segredo.
Minha alma queria ser pura,
Conquistando permanente enlevo.

II

Noite sem lua deste mundo,
O que me tens a dizer?
Podes dessedentar um moribundo,
Que na Terra não quer mais viver?

III

Em passado, não distante, eu dizia:
Nefandos miseráveis
Que labutam em seara maldita,
Construindo, incansáveis,
Somente mais desdita,
Que sofram moléstias detestáveis,
Para saber o que sente uma alma aflita!

IV

Hoje, não tenho mais força
Para desejar a vingança.
Perdi minha energia moça,
Mas quero voltar a ser criança.

V

No céu de luto, poucas estrelas,
Um silêncio absorvente.
Pensei: gostaria de melhor poder vê-las!
Conhecer um mundo diferente!

VI

Então, levou-me a morte soberana.
Surpreso, contudo, fiquei.
Do outro lado, humilde cabana
Onde, com vagar, me recuperei.

VII

Percebi, com emoção,
Que a vida continuava.
A esperança, em meu coração,
De novo fez morada.

VIII

Aprendi serviço digno,
Sob nobre orientação.
Troquei o pensar maligno
Pela ferramenta da boa ação.

IX

Trabalhando na obscuridade,
Entendi a minha missão:
Amar a toda a humanidade
E saber conquistar o perdão.

X

Perdi a tola ansiedade
De ser aclamado vitorioso.
Meu destino era a humildade,
Esquecendo o passado rancoroso.

XI

Então, pedi simplório retorno
Em catre horroroso.
Nasci como pobre estorvo:
Um inesperado filho de casal leproso.

XII

Em breve tempo, fui abandonado.
Pedinte, eu me tornei.
Em corpo pequeno e aleijado,
Só no Senhor me apeguei.

XIII

Não esperava destino nenhum,
Apenas a libertação.
Vivia os dias, um por um.
Não fazia planos e andava em vão.

XIV

Na porta de uma igreja,
Às vezes, eu cantava uma canção.
Aquela era a minha peleja
Para poder comer um pão.

XV

Quando chegou-me a doença,
Minha vida piorou.
Elevou-se a malquerença
E o povo me enxotou.

XVI

Abriguei-me numa floresta.
As ervas eram a minha comida.
Pensei: o que me resta?
Minha vida é tão sofrida!

XVII

Em tempo, muito breve,
Fiquei mais combalido.
Num inverno de neve,
Morri sem ter vivido.

XVIII

Porém, despertei bem aquecido
Numa casa iluminada.
Estava redivivo
E a lepra terminada.

XIX

Alegria a minha volta!
Cumprida estava a missão.
Sofrera sem revolta
E leve estava o coração.

XX

Retomei a caminhada
Com redobrado vigor.
A minha alma, antes cansada,
Descobriria a senda do Amor

XXI

Você que me ouve, saiba que tem valor!
Desperta, portanto, agora!
Seja um bom trabalhador
Da última e bendita hora.

Poetinha, maio de 1999.

2- JOAQUIM DE ANGOLA

Salve o negro da senzala,
Que soube reconhecer,
Que seu espírito em purificação estava,
Durante o seu padecer.

Quando a revolta
Deu passagem à resignação,
Sua alma teve escolta,
Em meio à balbúrdia, rumo à libertação.

Relembrou o seu passado,
Em pretérita encarnação,
Como duro senhor de escravos,
Sem piedade no coração.

Duas vezes fora Joaquim.
Agora, o negro de Angola.
Antes, o português, branco como o marfim.
Ambos, devotos de Nossa Senhora.

Assim, aquela alma
Encontrou o sublime equilíbrio,
Lavrando a terra com calma,
Mesmo sob o guante de diário martírio.

No fim, a sua resignação
Transformou-se em pura luz.
Soube, com amor, dar o perdão,
Seguindo as pegadas de Jesus.

Poetinha, maio de 1999.

3- O NASCIMENTO DE UM POETA

I

Nuvem branca no céu azul,
Os raios do sol a filtrar.
Espetáculo de luz de norte a sul,
Para, ao homem, inspirar.

II

Que grande beleza é o mundo,
Que o Senhor por dádiva nos deu,
Agraciando ao rico e ao vagabundo,
Dando esperança a quem perdeu.

III

Muitas dores e desilusão,
Para o caminhante que esperava
Poder, glória e satisfação,
Mas, agora, havia nada.

IV

O destino que chegou,
Em amargos momentos,
O suicídio lhe inspirou,
Através de muitos pensamentos.

V

Em noite de trovoadas,
Muito frio e tristeza.
Sua alma machucada
Não enxergava, no mundo, a beleza.

VI

O céu, um raio cruzou,
Abalando o seu corpo.
Com surpresa, seu espírito deixou
O fardo pesado, como se morto.

VII

Pelo espaço ele voou,
De início espantado.
Logo após, muito vibrou
Ao ver o ser alado.

VIII

O anjo lhe falou:
Preste muita atenção!
Mostrar-te-ei muitas coisas
Para preencher-te o coração.

IX

E mostrou a natureza
Da Terra e também do céu,
Que Deus criou com destreza,
Manuseando divino pincel.

X

Ao corpo ele voltou,
Com esperança renovada.
Nova fé lhe brotou
Para retomar a caminhada.

XI

A tristeza não veio mais
E poeta se tornou.
Da beleza da natureza veio a Paz,
Que o elevou ao Criador.

Poetinha, 22/05/1999.

4- CIGANA PADILLA

No passado, caminhava como louca.
Avidez de viver! Insensatez!
Muita vaidade. Desejos. Pouca roupa.
Sua alegria e martírio: a cupidez.

Lares desfeitos em busca de amor,
Pois ainda faltava, no peito,
A cruz do Senhor.
A cura só viria através de amargo jeito.

A desilusão bateu em sua porta,
Numa hora não esperada.
Caminhou por uma estrada torta.
A colheita era chegada.

A miséria foi companheira
Da velhice vindoura.
Triste foi a sementeira
Da bela mulher loira.

O ouro que foi acumulado,
Se esvaiu sem valor.
O coração, despedaçado,
Vagou cheio de dor.

Encontrou em pleno astral,
Após funda escuridão,
Um trabalho para reparar o mal,
Que plantara sem reflexão.

Depois de algumas vidas, quando chorou,
Carregando pesada cruz,
Cigana Padilla encontrou
O caminho para a luz.

Poetinha, 20/08/1999.

5- A NOVA CHANCE DO MASCATE

I

Há muito tempo, em terra distante,
Deixou a vida da carne.
Tornou-se alma errante,
Vagando no fundo de escuro vale.

II

Vendo formas aberrantes,
Desde adultos até pequenos infantes,
Pedi a Jesus perdão
E que lhe retirasse a dolorosa visão.

III

Gostaria de estar em verdes pastos,
Gozando de paz celestial.
Mas, só via seres nefastos
A lhe acusarem de ter agido mal.

IV

A luz da salvação
Não vislumbra, até então.
Sentia, também, dores atrozes.
Não sendo inocente, estava entre os algozes.

V

Faltava-lhe a noção
Se era noite ou dia.
Seu espicaçado coração
Já se dobrava à covardia.

VI

Mas, a hora do seu resgate
Já tinha, felizmente, soado.
Ele, o ínfimo assassino mascate,
Estava profundamente transformado.

VII

Recuperou-se em bela estância,
Esperando a sua vítima, um dia, encontrar.
Esta era a sua maior ânsia:
Que ela pudesse lhe perdoar!

VIII

Tinha a informação
De que a bela moça de outrora,
Cujas a vida havia tirado em má hora,
Era espírito de maior evolução.
Saberia perdoar, sem demora,
E só esperava a sua aproximação.

IX

Partiu com dois mentores
À busca da redenção.
Ele levava algumas flores,
Que representavam a boa e nova intenção.

X

Para sua surpresa,
Se dirigiram à Terra.
Esperava subir a um plano cheio de beleza,
Mas o destino, muitas peças, sempre prega.

XI

Durante o caminho,
Recebeu a explicação:
Não havia maior perdão e carinho,
Que recebê-lo em próxima encarnação.

XII

E foi-se ansioso, mas feliz,
Encontrar a futura mãe em belo país.
Através daquela criatura abençoada,
Recomeçou, esperançoso, uma nova jornada.

Poetinha, 23/08/2000.

6- MESTRE MACUCO

Vamos embora!
Dizia o Mestre Macuco.
E acrescentava: com Deus e Nossa Senhora!
Então, sorria o pobre homem com fama de maluco.

E tal fama era porque
Ele vivia a conversar
Com espíritos, que ninguém podia ver,
Mas que ele gostava e sabia respeitar.

O seu apelido engraçado
Foi lhe dado na infância.
Diziam parecer um filhote de macuco desengonçado,
Mas, a isso, não dava importância.

Era bom homem,
Solitário e respeitador,
Que na vida não soube
Deixar sem amparo qualquer sofredor.

Rezava bonito,
Com palavras do coração,
Trazendo lenitivo
À toda aflição.

Vivia isolado,
Sempre em oração,
Para estar purificado
E bem cumprir sua missão.

Deixou este mundo
Quase como um indigente.
Mas, esse assunto
Não me deixa contente.

O que vale mesmo
É que curou muita gente,
Espalhando seu amor a esmo,
Tanto aos chegados quanto aos indiferentes.

A este pequeno mestre desconhecido,
Eu presto uma homenagem.
E digo que, no céu, foi reconhecido,
Lá ganhando brilhante roupagem.

Poetinha, 09/06/2001.

7- O JARDINEIRO

Aparentemente, só mais um plantador.
Mas, não! Este era especial.
Semeava doçura e colhia amor,
Mostrando que o Bem é mais forte que o Mal.

Era humilde, tinha um aleijão
E trabalhava em pura harmonia,
Porque o seu nobre coração
Estava unido à Sinfonia Divina.

Enquanto no solo punha a planta,
De sua boca uma canção saía,
Juntando, ao trabalho de suas mãos santas,
A doce melodia da Ave-Maria.

O seu nome era João,
Um homem que não se corrompia.
Era jardineiro por profissão,
Assim ganhando sustento no seu dia-a-dia.

Seu passatempo era a oração,
Que cultivava com alegria.
E nela pedia pelo rico, pelo pobre e pelo pagão,
Sem imaginar o bem que ele fazia.

Sua energia, muito pura,
Trazia alívio para todo sofredor.
Suas mãos até faziam algumas curas,
Sempre em nome de Jesus, o Bom Pastor.

Ele dizia que pouco podia,
Pois também era apenas um pecador.
Mas o povo sempre recorria
Àquele pequeno homem, com pele de negra cor.

Um dia, gravemente adoeceu.
Mas, no leito de morte, ainda sorria
E dizia: depois que Jesus morreu,
Ressuscitou no terceiro dia.

Após deixar a vida material,
Foi conduzido por uma estrada em flor
Para uma linda cidade espiritual,
Onde foi chamado de Jardineiro de Nosso Senhor.

Poetinha, 15/06/2001.

8- O DIVINO CARPINTEIRO

Tantas vezes esquecido,
Outras tantas mal interpretado:
O homem, pobre nascido,
Que um dia foi crucificado.

Foi forçado emigrante,
Ainda em tenra idade,
Indo para a Terra das Pirâmides,
Para fugir de vil maldade.

Retornou e, aos treze anos,
Espantou grandes sacerdotes.
Sua sapiência provinha de elevado plano.
Divino era o seu dote.

Do deserto veio um rústico pregador,
Para o seu batismo realizar.
A humildade e o amor
Eram sementes que o carpinteiro iria semear.

A vida humana ficou para trás.
Iniciaria a sua missão
De exemplificar a pura paz,
A lealdade, a fé e o perdão.

Muitas curas realizou,
Disseminando lindos ensinamentos.
A todos impressionou,
Deixando, os poderosos, ciumentos.

Por isso foi julgado,
Encontrando o seu destino:
O de ser na cruz pregado,
Em triste espetáculo de martírio.

Mas, assim, a sua mensagem
Ganhou força pelo mundo,
Atraindo desde o homem sem coragem
Até o rico, o pobre e o vagabundo.

Hoje, ninguém desconhece
Esta nobre história de luz.
Aproveite, então, para fazer uma prece
Ao doce e amado Jesus.

Poetinha, 07/07/2001.

9- O GUERREIRO MONGOL

Seu nome, na Terra,
Foi muito temido.
Era sinônimo de guerra
E não foi, ainda, esquecido.

Por onde passava,
Se dizia que nem grama crescia.
Seu espírito estava
Em profunda selvageria.

Só podia compreender
A lei do mais forte.
Não se importava em morrer,
Nem pensava em má sorte.

Queria mesmo era conquistar
E adquirir grande fama.
Para isso, matava e fazia matar
Em batalhas sempre insanas.

Gostava muito da disciplina
Dos seus comandados.
A ordem e a coragem estavam acima
Da fraqueza dos corpos cansados.

Foi sempre muito respeitado.
A mente de cada soldado era sua escrava.
Às vezes, bastava apenas um olhar.
A lei era a sua palavra.

Mas, não pôde vencer o destino.
Por mais que fosse forte,
No céu estava escrito
O dia que lhe visitaria a morte.

No inferior plano espiritual,
Permaneceu a guerrear.
No seu coração habitava, enraizado, o mal.
Não queria, ainda, se renovar.

Contudo, todos destinam-se à evolução.
Não temos, para sempre, uma vida vã.
Um dia, atingirá a total redenção
O velho espírito de Gengis Khan.

10- O VELHO SOLITÁRIO

I

O pequeno poeta estava sentado,
Quando cabisbaixo ancião passou.
Por que este aspecto desolado?
Poetinha lhe indagou.

II

Me sinto triste!
Disse o velhinho.
Mas, já que insiste,
Vou lhe contar do vil espinho
Que fere o meu coração.

III

Há muito tempo atrás,
Perdi meu rumo,
Perdi minha paz.
A culpa, eu assumo.

IV

Minha esposa,
Mulher muito fiel,
Era bela moça
E bem cumpria o seu papel.

V

Eu, um relaxado,
Tinha vida cheia de pão, leite e mel.
Era um homem abastado,
Abençoado pelo céu.

VI

Mas, caí na tentação,
Entregando-me a vícios e mulheres da vida,
Magoando, em profusão,
Minha companheira querida.

VII

Eu tudo ignorava,
Em busca da baixa sensação.
Minha saúde se esgotava,
Sem ter, eu, a exata noção.

VIII

Com o tempo, muitas coisas perdi,
Mas não minha honrada consorte,
Que me sustentou com braço forte,
Até que me fosse levada por súbita morte.

IX

É que Deus não queria
Que a santa criatura
Perdesse toda a alegria,
Transformando-se em poço de amargura.

X

Assim, fiquei muitos anos na Terra,
Triste e desolado
Como um soldado que perde a guerra,
Que não pode ser consolado.

XI

Hoje, vivo em estância espiritual,
Onde trabalho com ardor,
Para limpar do meu ser todo o mal.
Mas, sou ainda um miserável sofredor.

XII

Minha dor é a saudade
Da bela e singela flor,
Que habita em mais elevada cidade:
Aquele a quem não dei o devido valor.

XIII

Só a vejo, raramente,
Por grande misericórdia divina.
É quando meu coração, realmente,
De alegria se ilumina.

XIV

Espero que meu aprendizado
Seja útil no plano físico do planeta.
Fale, meu caro, deste velho inconsolado,
E que esta lição ninguém mais esqueça.

Poetinha, 22/07/2001.

11- O MARINHEIRO SONHADOR

Era a hora do embarque.
Ele não mais voltaria.
Era marujo no Bismarck,
O maior navio de sua marinha.

Estava muito orgulhoso
De servir na grande máquina de guerra,
Mas seu futuro era nebuloso.
Não pisaria mais em terra.

O poderoso barco da frota alemã,
Projetado para vencer todos os perigos,
Foi apenas uma esperança vã,
Sucumbindo sob o fogo dos inimigos.

Teve curta carreira de vitória.
Não durou mais que duas semanas.
O marujo pensava: o Bismarck fará história!
Mas, rápido, conheceu o mar pelas suas entranhas.

Planejava falar sobre a glória
Do Couraçado de 900 metros,
A seus futuros filhos e netos,
O marinheiro germânico inquieto.

A propaganda nazista
Tinha feito a sua cabeça.
Sonhava sempre com conquista.
Sobre a sua razão, havia uma cortina espessa.

Somente durante uma batalha titânica,
Percebeu o seu real destino:
A derrota para a marinha britânica.
Para ele, isto foi o pior castigo.

Teve morte quase instantânea,
Ao cair, no mar, desacordado.
Perdia mais um filho a Alemanha,
Que havia esquecido do Jesus abençoado.

Hoje, está reencarnado
Em favela, na Cidade do Cristo Redentor,
O alemão que, próximo à morte, sentiu-se humilhado:
O pobre marinheiro sonhador.

12- PADRE DIEGO

I

Agia como delator
Na Santa Inquisição Espanhola.
Havia esquecido o Senhor,
Para realizar a tarefa inglória.

II

Seu nome era Diego.
Pertencia ao baixo clero.
Espírito em desassossego,
Dizia ter vocação, mas não era sincero.

III

Durante cada louvor fingia.
Apreciava aparentar fervor.
Não era real devoto de Santa Maria,
Nem adorava o Cristo Redentor.

IV

Gostava, mesmo, de vigiar
O que fazia o semelhante,
Mesmo estando a rezar,
Ou em qualquer outro instante.

V

Julgava-se injustiçado.
Por isso, sempre queria justiça.
Mas, era espírito muito endividado,
Cuja mente estava enfermiça.

VI

Cometera graves erros no passado,
Quando em outros corpos encarnara,
Terminando frequentemente em mau estado,
E culpando a Deus por suas próprias falhas.

VII

Nunca considerava a sua maldade.
Acreditava sempre ser a vítima.
Mas a pura realidade,
É que não tinha virtude legítima.

VIII

Um dia, ao assistir uma tortura
De alguém por ele delatado,
Para sua grande desventura,
Foi amaldiçoado pelo homem desesperado.

IX

Este veio a falecer
E tornou-se-lhe inimigo encarniçado.
Esforçou-se para fazê-lo sofrer,
O duro opositor desencarnado.

X

Diego, a partir de então,
Tornou-se um louco obsediado.
Como nada ele tinha de boa intenção,
O sofrimento não poderia ser abrandado.

XI

A própria Inquisição
Resolveu também torturá-lo,
Para que “saísse o Diabo do seu coração”,
Libertando-se o pobre miserável.

XII

Depois de muito padecer,
Perdeu a sua vida como indigente.
Mas, a dor não terminou após morrer.
Apenas continuou em plano diferente.

XIII

Muito tempo foi perseguido,
O Diego, espírito atormentado,
Que de sacerdote passara a pária sofrido,
Pois não perdoara para ser perdoado.

XIV

Hoje, o padre encontra-se encarnado,
Ainda passando por dura provação,
Para encontrar o caminho abençoado,
Ensinado por Jesus para a nossa redenção.

Poetinha, 17/08/2001.

13- O ANDARILHO

I

Esta é a história
De um desconhecido andarilho.
Não recebeu do mundo nenhuma glória,
Mas saiu dele renovado e com brilho.

II

Perdera seus pais muito cedo
E, também, o ponto de referência.
Passou a caminhar sem sossego,
Em busca, para si, de uma bem querença.

III

Assim, cresceu na estrada,
Desejando descobrir um bom pousio.
Não encontrou benfeitor, nem boa fada,
Que dessem teto, cama e travesseiro macio.

IV

Não se revoltou com a solidão.
Pelo contrário, aprendeu com o sofrimento.
Enterneceu-se, o seu coração,
Com a dor de todos, em todos os momentos.

V

Apesar de ser um viajante,
Mantinha-se limpo e asseado.
Assim conseguia trabalho de forma constante,
Embora fosse serviço sempre itinerante.

VI

Em cada lugar que passava,
Fazia oculta caridade.
Ouvia todo tipo de lamento e não se cansava,
Aliviando corações de diversas idades.

VII

Este era o dom que Deus havia lhe dado.
Filtrava angústias, ódios e mágoas
De mulheres e homens desesperados,
Que eram limpos, como por milagrosa água.

VIII

Assim, caminhou muitos anos,
Sem chegar a um porto realmente seguro.
Não se preocupava mais em fazer planos,
Nem dormir, às vezes, ao relento no escuro.

IX

Um dia, ao chegar a uma cidade,
Para ele desconhecida, mas de beleza singela,
Culparam-lhe por uma não cometida maldade.
Lançaram-no em obscura cela.

X

Lá gravemente adoeceu,
Pois sabia não ter culpa.
E, assim, o mundo perdeu
Um homem de intenção boa e pura.

XI

Uma vez no Plano Espiritual,
Descobriu porque tanto havia sofrido.
Antes, gostara de fazer o mal
E, também, abandonara mulher e tenro filho.

XII

Aprendeu uma dura lição,
Encontrando um seguro equilíbrio.
Agora, tinha paz no coração
E, no rosto, um cativante sorriso.

XIII

Estava pronto para, em breve, reencarnar.
Cumpriria a antiga missão não terminada:
Assumir sua esposa e o filho bem educar,
Alcançando a luz no final da estrada.

Poetinha, 25/08/2001.

14- O FEITICEIRO

I

Vivia a ruminar ideias
De como adquirir mais poder.
Em volta de si, pairava uma alcateia
De espíritos de mal proceder.

II

Trajava negras vestes,
Que eram espelho de seus pensamentos,
Que lançavam pragas e pestes,
Para seus inimigos naquele tempo.

III

No fundo, era pobre homem infeliz.
Não sabia amar, nem perdoar.
Não acreditava no amor como força motriz:
A real energia que mantém o mundo a girar.

IV

Achava que o calor humano
Se obtinha pela subjugação.
Assim, agia como um insano
À busca de alimento, para o seu coração.

V

Pelas pessoas, um dia, fora rejeitado.
Isto lhe causara profunda amargura.
Por isso, a vingança era seu apostolado,
Seu objetivo, sua meta obscura.

VI

Então, vendeu a sua alma,
Que tornou-se poço de secura,
Entregue à ardilosa malta
De entidades maldosas e cheias de incúria.

VII

Após o pacto maldito,
Provocou inúmeras mortes.
Transformou muitas pessoas em seres aflitos,
Destruindo suas boas sortes.

VIII

Desconhecia a Lei de Causa e Efeito,
Também chamada de “Ação e Reação”,
Onde tudo que com má intenção é feito,
Recebe de retorno uma justa punição.

IX

Punição que não é castigo de Deus.
É apenas uma lei natural,
Onde o bem atrai o bem
E o mal atrai o mal.

X

O feiticeiro envelheceu,
Recebendo a necessária lição:
Solitário e doente ele morreu,
Não tendo a seu favor nenhuma oração.

XI

Do outro lado da vida,
Encontrou a escravidão,
Pela própria falange que lhe dava guarida,
Nas suas tarefas de perdição.

XII

Tornou-se miserável lacaio,
Sem direito à voz e ao livre-arbítrio.
Era forçado a nefandos trabalhos,
Que lhe causaram terrível desequilíbrio.

XIII

Mais de cem anos se passaram
Nesta horrorosa situação,
Até que as forças lhe faltaram,
Tornando-se um demente sem emoção.

XIV

Este foi o início de difícil resgate.
Em seguida, foi levado à reencarnação.
Nasceu como filho de pobre mascate,
Obedecendo à Lei de Evolução.

XV

Seu corpo tinha grande deformidade.
Tornou-se digno de compaixão.
Antes, pecara pela desumanidade.
Agora, trazia a mente embotada e um aleijão.

XVI

Viveu algum tempo na Terra,
Purificando o seu coração.
Hoje, o seu espírito já espera
Melhor oportunidade para a redenção.

Poetinha, 05/09/2001.

15- O GLUTÃO

I

Extenso era o seu cardápio.
Sua fome parecia a de um leão.
Frequentes eram as visitas ao esculápio,
Devido às dores da úlcera em formação.

II

Tudo, na sua vida, era motivo
Para descarregar a ansiedade na alimentação.
Achava que, assim, teria alívio
Para uma mágoa ou uma frustração.

III

Carnes, frutas, amendoim,
Ovos, leite e muito doce.
Assim caminhava, célere, para o seu fim,
Não importando que doesse a quem fosse.

IV

Acordava sempre à noite,
E lá ia, ele, buscar o que comer.
Perto dele já se aproximava a foice.
Era a morte, pronta a lhe acolher.

V

Tinha pouca disciplina.
Fraca era a sua vontade.
Percebia isto até a sua pequena filha,
Que tentou ajudá-lo com grande bondade.

VI

Mas tudo foi inútil,
Encontrando precocemente, em sua trilha,
O desencarne devido ao proceder fútil,
Desviando-se de sua boa sina.

VII

Do outro lado ficou perdido,
Recebendo dolorosa acusação.
Teria cometido o suicídio,
O que não lhe melhorou a compreensão.

VIII

Sofria com as dores lancinantes,
E também pelas vozes em sua perseguição.
Chamavam-no, em seguidos instantes,
De covarde e assassino sem visão.

IX

Só quando foi recolhido como paciente,
Na Espiritualidade, por piedosa instituição,
Entendeu que era suicida inconsciente,
Pois destruíra, por descuido, seu corpo são.

X

Por isso era acusado
No submundo espiritual.
Entidades malignas haviam observado,
Que o seu proceder tinha sido mau.

XI

Quiseram lhe escravizar,
A partir de seu próprio erro.
Por misericórdia, tarefeiros foram ajudar,
Evitando um pior desfecho.

XII

Hoje, o nosso amigo espera
Nova oportunidade de reencarnação.
Porém, a Lei sobre ele impera:
Renascerá com desagradável predisposição.

XIII

Seu estômago será fraco,
Reclamando de qualquer exagero.
Nunca poderá encher muito o prato,
O que, algumas vezes, o levará ao desespero.

XIV

Pedi-me, ele, para lhes contar
A sua conduta incorreta,
Para que pudesse, indiretamente, ajudar
A todos que lerem a este alerta.

Poetinha, 15/09/2001.

16- O MORIBUNDO

I

Estava, em seu leito de morte,
Um homem ainda jovem,
Desejando melhor sorte.
Quem sabe tornaria a ter um corpo forte?

II

Pensava silenciosamente na recuperação,
Esperando melhores dias,
Quando bateria, saudável, seu coração.
Então, uma nova vida recomeçaria.

III

Mas adentrava o seu quarto,
Naquele momento, sorrateira,
Altiva entidade de “fino trato”
Com passadas femininas e brejeiras.

IV

Espírito de mulher de grã beleza
Vinha lhe cobrar dívida antiga,
Achegando-se de sua cama desfeita,
Para sussurrar uma cantiga.

V

Dizia que era noite e iria lhe levar.
Seu tempo na terra era curto,
Não adiantando pedir e rezar.
Deveria, sim, aconchegar-se ao seu busto.

VI

O doente sentiu a sua presença,
Na forma de um arrepio.
Algo lhe dizia de uma malquerença,
Que provocava, em sua alma, terrível frio.

VII

Mal chegando a noite,
Ele logo se pôs a dormir.
Teve um sonho que foi como um açoite,
Pois não se revelara como um bom porvir.

VIII

Ao despertar, pôde se lembrar
Que, de joelhos, pedia saúde.
Contudo, linda dama veio lhe ofertar
Um grande, escuro e aberto ataúde.

IX

A partir deste evento,
Teve três dias de agonia.
Findara o seu tempo
De construir uma vida sadia.

X

Morria pela tuberculose,
Adquirida em longas noites,
Entre orgias e bebidas geladas,
Enganando mulheres mal amadas.

XI

Aquela que lhe esperava,
Fora abandonada em vida anterior.
Tinha certeza, quase macabra,
Que não se recuperaria seu antigo amor.

XII

No fundo, ainda tinha adoração
Por seu velho companheiro,
Que lhe enganara o coração,
Paralisando a sua evolução.

XIII

Agora saíam de braços dados,
Como dois sonâmbulos,
Os espíritos com os destinos entrelaçados.
Qual seriam os seus planos?

XIV

Posso apenas responder
Que até hoje caminham juntamente,
Buscando o respeito mútuo e o bem viver,
Até que a luz plena se faça presente.

Poetinha, 22/09/2001.

17- O POETA SUICIDA

I

Disse uma vez um poeta,
Sem muita afetação,
Que o mundo não compreendia
O que se escondia em seu coração.

II

Pela palavra bem rimada,
Através de boa entonação,
Se expressavam as suas mágoas pesadas,
Obscurecidas pela solidão.

III

Pensava que as suas tristezas,
Assim, seriam menos tristes,
Pois teriam até alguma beleza.
Você que me ouve, acredite.

IV

Em verdade, ele era muito doente.
Doente do corpo e da alma.
Havia o germe da revolta em sua mente,
O que, frequentemente, o fazia perder a calma.

V

Passou a afogar-se nas noitadas,
Porque tinha pouca esperança
De esquecer-se da infância,
Quando as suas aspirações foram nubladas.

VI

Foi uma fase pobre e difícil,
Cheia de doenças e decepções,
Onde a luta contra muitos malefícios,
Derrubou-lhe os melhores planos e intenções.

VII

Uma vez adulto, pensava em martírio,
Dores e iniquidades.
Um dia, planejou o suicídio:
Uma atitude de verdadeira insanidade.

VIII

Algum tempo, arriscou a sua sorte
Em terrível oscilação,
Entre enfrentar a vida ou fugir pela morte.
O que lhe traria melhor libertação?

IX

O poeta em sua escolha falhou,
Caindo em profundo abismo.
Não resistiu, mas se entregou
Ao ato destituído de heroísmo.

X

Somente piorou a sua situação,
Não encontrando o esperado silêncio.
Realmente provocou, em seu coração,
Um muito pior incêndio.

XI

Vagou por vale cheio de suicidas,
Tresloucados e sofredores.
Todos, no lugar, eram homicidas:
Causadores dos próprios horrores.

XII

Muitas décadas mais tarde,
Encontrou algum alívio,
Retornando à humana carne
Para refazer o seu caminho.

XIII

Não se foga à provação,
Nem às dificuldades que criamos.
Busquemos, na oração,
A sustentação ao longo dos anos.

Poetinha, 23/09/2001.

18- O ALCOÓLATRA

I

Por entre roupas maltrapilhas,
Ia, trôpego, um bêbado.
Atrás dele, caminhava espiritual matilha,
Em busca de sua viciada energia.

II

Querubim era o seu nome,
Que de anjo não tinha nada.
Era apenas mais um homem,
Sem rumo certo na estrada.

III

Qual seria a sua história?
Qual seria o seu fim?
Desde nascido, fazia parte da escória
De uma cidade, que nunca lhe dizia sim.

IV

Seu pai, também, fora escravo do vício.
Sua mãe, uma pobre coitada.
Já no início, não havia indício
De boa orientação e vida disciplinada.

V

Na adolescência, a perdição.
Encontrou, no álcool, uma fuga desgraçada
Para as tristezas do coração
E para as alegrias não concretizadas.

VI

Desposou sua consorte muito cedo,
Não deixando de lado a bebida.
Para ninguém era segredo
A fraqueza, que fazia a sua alma mais ferida.

VII

Quando sóbrio, tinha vergonha
Desta sua fragilidade.
Mas, não tinha força para fazer a escolha,
Que o libertaria com dignidade.

VIII

Faltava-lhe a coragem
De bem viver com todos os seus problemas.
Nem mesmo na mente, conseguia ver a imagem
Da vitória, após uma luta extrema.

IX

Três filhos teve nesta situação.
Nenhum deles o respeitou.
Apenas desprezaram-no, em reprovação
Ao vício que o derrotou.

X

Sua família o abandonou,
Em seguida a diversas lutas.
Ela não suportou
A sua terrível má conduta.

XI

Assim desencarnou, solitário,
Depois de um alcoólico desmaio,
Tornando-se espírito errante
Em obscuro vale distante.

XII

Atraído fora para doloroso umbral,
Onde habitavam espíritos entorpecidos,
Que somente lançaram sementes do mal,
Pois do Bem estavam, há muito, esquecidos.

XIII

Após difícil purificação,
Querubim, enfim, foi resgatado
Para retornar ao mundo pela reencarnação.
Refaria seu caminho para a evolução.

Poetinha, 06/10/2001.

19- MARIA DAS DORES

I

Vivia Maria das Dores
Colhendo espinhos,
No meio das flores,
Em seus caminhos.

II

Vivia Maria das Dores
Esperando a paz,
Em meio aos horrores,
Que a vida traz.

III

Vivia Maria das Dores,
Ao contrário de seu nome,
Aguardando muitos amores.
E cada um que chegava, dizia ser bom homem.

IV

Pobre Maria!
Carregava a sina
De muitas Marias:
A vida pouco lhe sorriria.

V

Estava escrito,
Em seu destino,
Que o amor estava proscrito
E não teria bom marido.

VI

Em vida passada,
Fora mulher bem amada,
Estragando a sua união
Por infeliz e fugaz paixão.

VII

Agora, estava condenada
A uma vida pouco doce.
Era sempre abandonada,
Fosse por quem fosse.

VIII

Ia, então, Maria pela estrada
Em busca da felicidade.
Infeliz mulher cansada,
Já em avançada idade.

IX

Agia de forma desenfreada
E perdia a saúde, sem perceber.
A mulher desesperada,
Um dia, veio a perecer.

X

Na vida espiritual,
Encontrou a realidade.
Não se pode plantar o mal,
Sem colher a deslealdade.

XI

Muitas vezes fora traída,
Para reconhecer o seu erro.
Agora estava caída,
Mas seria amparada com desvelo.

XII

Não lhe esquecerá seu antigo amor,
Que, há muito, a perdoara.
Ele a esperava com fervor,
Pois ainda, realmente, lhe amava.

XIII

Maria tudo recordou,
Compreendendo a amarga lição.
Um novo dia em sua vida raiou,
Trazendo esperanças a seu coração.

XIV

Reencarnaria com o companheiro,
Com quem já andava há muitas jornadas.
Teria um lar hospitaleiro
E várias crianças abençoadas.

XV

Maria das Dores não seria mais.
Na Terra, em seu batismo,
Receberia o nome Maria da Paz,
Para bem cumprir seu novo destino.

Poetinha, 08/06/2002.

20- O JOGADOR

I

Vivia arriscando a sorte,
Em diversos jogos de azar.
Era um homem de bom porte,
Mas difícil de conviver e suportar.

II

Apresentava-se sempre elegante,
Com as mais finas roupas da época.
Acreditava que seu destino seria grande,
Fosse em terra próxima, fosse em terra distante.

III

Onde quer que chegasse,
Era constantemente bem notado.
Entre as moças casadouras causava impasse.
Pelos moços, era invejado.

IV

Mas, sua vida não era regrada.
Nenhuma jovem, com ele, muito tempo ficava,
Pois a sua escolhida estrada
Era a jogatina, sem obrigatória parada.

V

Assim, tornou-se um solitário,
Esperando sempre a sorte grande.
Como não veio, logo se fez salafário,
Usurpando a inocência alheia a todo instante.

VI

Alimentava seu infeliz vício,
Não importando a quem prejudicava.
Sua vida era um malefício,
Que a muitos desesperava.

VII

Sua habilidade em ludibriar,
Aos homens desavisados,
Fez com que farto dinheiro viesse a ganhar,
Tornando muitos lares despedaçados.

VIII

Desta forma, o jogador
Construiu uma vida sem virtude.
Não deu amor e distribuiu a dor
Em diversas latitudes.

IX

Um dia lhe chegou a Morte,
Perguntando o que fazia.
Respondeu ele: vivendo da sorte.
Mas a Morte calou-se. Somente lhe sorria.

X

O jogador pediu mais tempo.
Mas, tempo, a Morte não tinha.
Pensou em enganá-la. Era o seu intento.
Mas a Morte, somente, lhe sorria.

XI

Suplicou angustiado.
Disse que se modificaria,
Pois, de tudo, já estava cansado.
Mas a Morte, ainda, lhe sorria.

XII

Prometeu, com a sua fortuna,
Que muita caridade faria,
Com voz firme e segura.
Mas a Morte, impenetrável, lhe sorria.

XIII

Desesperou-se e falou em Deus,
Acusando-a de covardia.
Disse que alguns órfãos seriam filhos seus.
Mas a Morte, descrente, apenas lhe sorria.

XIV

Após longo silêncio, a Senhora das Trevas
Disse-lhe que a Deus ela servia,
Desde muitas e muitas eras,
Ceifando ervas boas, como ervas daninhas.

XV

Ele não teria privilégio.
O tempo agoraurgia
E, envolta por grande mistério,
A Morte novamente lhe sorria.

XVI

Avançando para o jogador,
Que agora todo se tremia,
Abraçou-o sem ódio ou amor.
A morte, ainda, lhe sorria.

XVII

Somente em vida futura,
O jogador poderia se renovar,
Renascendo em localidade obscura,
Sem oportunidade de novamente jogar.

XVIII

Sua mente brilhante,
Agora seria embotada.
Não teria mais um porte elegante,
Nem belas passadas pela estrada.

XIX

Este era o melhor remédio
Para aquele espírito perturbador:
Uma vida sem glória, cheia de tédio.
A nova vida do jogador.

Poetinha, 15/06/2002.

21- O ALFAIATE

I

Pedras no caminho.
Uma perna torta.
Mas, um coração com carinho
E humildade a toda prova.

II

Lá ia a singela figura,
Muito simples em seu proceder.
Trabalhava com costura
Para poder sobreviver.

III

Era eficiente em sua arte.
O bom homem mulato,
Conhecido como Zé Alfaiate,
Produzia roupas de fino trato.

IV

Costumeiramente usando um velho terno,
Zé Alfaiate era prestativo.
Com grande espírito fraterno,
Se não tinha a solução, tinha um lenitivo.

V

Visitava pobres, doentes
E sofredores de toda a sorte.
Era querido por muita gente.
Amigo na vida e também na morte.

VI

Sempre recordava os que se foram,
Fazendo preces sinceras e com emoção.
Desejava-lhes paz e redenção,
Sob as bênçãos da Virgem da Conceição.

VII

O bom Zé tinha, ao seu lado,
Um guia de muita luz.
Era espírito bem letrado
Nos ensinamentos de Jesus.

VIII

E onde ia Zé Alfaiate,
Com sua persistente boa vontade,
Ia também a entidade espiritual,
Fazendo o bem e transformando o mal.

IX

Espalharam algumas curas.
Trouxeram muita consolação.
Variadas tristezas e amarguras
Tornaram-se fé e resignação.

X

O Zé era católico fervoroso.
Acreditava na ressurreição
E na remissão dos pecados do povo,
Quando houvesse fé em Jesus, de coração.

XI

Por isso dava bons exemplos,
Sempre inspirado no Cristo.
Em quase todo o tempo
Fazia o bem e, desta forma, era bem quisto.

XII

Nasceu com perna defeituosa,
Devido a delito em vida passada.
Foi quando ferira moça virtuosa,
Que ele desejava, mas era casada.

XIII

O Zé já havia se transformado,
Mas pedira a provação.
Assim, seu espírito alquebrado
Não esqueceria a sua falta e tentação.

XIV

Então, esta alma nobre
Voltou ao mundo aleijado e pobre,
Mas com a firme decisão
De ser caridoso e obter a redenção.

XV

Teve muita dificuldade,
Porém cumpriu a sua missão.
Passou fome em tenra idade,
Mas foi íntegro e aprendeu uma profissão.

XVI

Não teve companheira
Na lida do dia-a-dia.
Porém, apegando-se à Virgem Maria,
Prosseguiu com alegria.

XVII

Deixou o vaso carnal,
Muito leve e feliz.
Para seu espanto, sua perna agora era normal,
No seu corpo perispiritual.

XVIII

Encontrou paz e renovação
Em bela cidade espiritual,
Onde, com muita emoção,
Conheceu o seu guia: a moça a quem fizera mal.

Poetinha, agosto de 2002.

22- INDAIÁ

I

Esta é a história
De cabocla Indaiá:
A mestiça devota
Da Virgem Nossa Senhora.

II

Nos tempos do Império,
Vivia a sonhar
Com os doces mistérios
Da mãe do grande Avatar.

III

Indaiá era pequenina
E tinha longos cabelos negros.
Com um olhar humilde de menina,
Cedia sempre aos doloridos apelos.

IV

O povo de sua vila
Já sabia, automaticamente, onde buscar
Remédio para as suas feridas
E oração para consolar.

V

O socorro não tinha hora.
Indaiá era prestativa.
Rogava forças à Nossa Senhora
E partia decidida.

VI

Conhecia muitos chás,
Por parte de sua mãe índia,
Curando tanto pessoas boas como más,
Não importando as suas perfídias.

VII

Seu pai português,
Ela nem ao menos conheceu.
Mas, dos brancos, absorveu
A história de Jesus, que por nós morreu.

VIII

Se encantou por Maria,
Na sua pobre condição de mulher,
Num mundo onde ainda mais valia
O vil metal e a falta de fé.

IX

Se espelhou no seu exemplo
De amor e humildade,
Fazendo, de sua tosca casa, um templo
De desapego e caridade.

X

Indaiá, moça pequena.
Indaiá, menina de pele morena.
O que pensas atingir
Com tantas novenas?

XI

Esta era uma pergunta
Que muitos doutos e nobres,
Com seus corações pobres,
Teimavam em fazer.

XII

Ela nada respondia,
Mas, secretamente, queria
Encontrar-se com Maria:
A mãe de todo o sofrer.

XIII

Ao deitar-se na cama,
Rezava fervorosa.
Queria ser merecedora de ver a chama
Dos olhos de Nossa Senhora.

XIV

Assim, viveu muitos anos
Em pureza, serviço e consolação,
Acalentando no peito uma única ambição:
Alcançar Maria em uma doce visão.

XV

Mas Indaiá êxito não logrou,
Nesta Terra tão dolorida,
Deixando o mundo como nele chegou:
Humilde, pobre e desconhecida.

XVI

Porém, no Plano Espiritual,
Muitos vieram recebê-la com alegria.
Lá, era reconhecida por combater o mal
Como obreira da Virgem Maria.

XVII

Em meio a muitas faces amorosas,
Recebeu a sua maior compensação:
Alguém apontou, no céu, luzes vaporosas
Que condensaram-se na doce visão.

XVIII

Em prantos, somente Indaiá ouviu:

**“Indaiá, minha filha,
Cumpriste a tua missão.
Converteste dor e flagelação,
Em amor e consolação.
Seja bem vinda
À casa do meu coração.”**

Poetinha, março de 2003.

23- PADRE ZÉ BENTO

I

Dia cinzento.
Época fria.
Nascia Zé Bento
Em família de barriga vazia.

II

Pobreza constante.
Espírito perturbado.
O pequeno infante
Sempre de semblante fechado.

III

Cresceu depressivo.
Tinha pouca esperança.
Sofria de um mal obsessivo,
Que lhe minava a confiança.

IV

Só podia se apegar em Deus,
A sua tábua de salvação,
Quando morreram Ondina e Orfeu,
Seus progenitores, doentes e com desnutrição.

V

Era costume, em sua região,
Entregar os órfãos a um seminário.
Para Zé Bento, foi uma grande consolação
Ser, de Deus, um emissário.

VI

Cantando louvores a Jesus,
Assim desenvolveu-se Zé Bento.
Tornou-se padre e à batina fez jus,
Tendo sucesso em seu intento.

VII

Desejava pastorear
As ovelhas de Nosso Senhor,
Pois a consciência vivia a lhe cobrar
Atos passados de pouco valor.

VIII

Em outra vida fora professor,
Doutor em línguas e também pastor.
Mas, as ovelhas ficaram perdidas,
Porque a intenção não era bendita.

IX

A muitos, enganou
Com a sua fala aveludada.
Vasta torpeza disseminou
Ao longo de toda a estrada.

X

Por isso renasceu Zé Bento,
Com drama de consciência.
Precisava, agora, usar melhor o seu tempo.
Deveria recuperar a perdida inocência.

XI

Nesta vida, a disciplina da castidade
E a palavra com sinceridade
Seriam suas prioridades.
Só assim teria, no futuro, mais liberdade.

XII

Desta forma, cumpriu a sua missão,
Resgatando o seu passado.
Teve como companheira a solidão,
Mas seu caminho, pela retidão, foi marcado.

XIII

Quando a sua alma se libertou
Do corpo, já cansado,
A própria consciência lhe deu absolvição
Para boa parte dos pecados.

XIV

Zé Bento hoje trabalha no plano astral,
Travando ainda íntima batalha
Para fortalecer o Bem, eliminando de si o mal.
Continua na eterna busca de mais luz espiritual.

Poetinha, setembro de 2003.

24- CONCEIÇÃO

I

Era apenas uma menina,
Vendedora de acarajé.
Morava no Sul da Bahia.
Sonhava em ser logo mulher.

II

Infância de pobreza:
Pobreza, esta, material.
Mas a menina-moça tinha uma rara beleza:
Beleza quase espiritual.

III

Gostava de elevar a sua voz em cânticos,
Homenageando à natureza
Na figura dos Orixás, em tons mânticos.
Sua fé beirava à certeza.

IV

Embora os escassos recursos materiais,
Tinha boa alimentação:
Frutos da terra e do mar, dendê e muito mais.
Assim, tinha um corpo de boa constituição.

V

Sua família era numerosa:
Pai, mãe e muitos irmãos.
Todos tinham vida operosa.
Reinavam a simplicidade e hábitos sãos.

VI

Mas, um dia chegou a tormenta,
Na forma de uma tentação.
Era Olegário, pessoa ciumenta,
Que arrebatou o seu coração.

VII

Algumas juras de amor
E a moça tomou-se de paixão.
A família encheu-se de temor
Pelo futuro de sua menina Conceição.

VIII

Ela tinha pouca experiência
Nas coisas da vida.
Ainda era flor de inocência,
Neste mundo de inclemência.

IX

Contudo, a família era humilde
E tinha poucas perspectivas.
Sendo a moça livre,
Seria noiva em noite festiva.

X

Feliz estava Olegário
E fazia muitos planos.
Noivara na data de seu aniversário,
Ganhando um presente desejado há anos.

XI

Olegário era fazendeiro,
Embora não fosse de grande porte.
Agora julgava-se, entre todos, ser o primeiro,
Por ter Conceição como sua consorte.

XII

Em pouco tempo, veio o casório.
Grandes eram as esperanças.
O evento foi notório
Em toda a vizinhança.

XIII

Mudaram-se para a fazenda
E logo veio um filho.
Era uma bela prenda.
A vida parecia nos trilhos.

XIV

Mas eram trilhos de ilusão,
Pois Olegário tinha ciúmes doentios.
Era um defeito ocultado até então,
Que foi desnudado numa noite de verão.

XV

Ele estava muito irritado
E ela perguntou o porquê.
Olegário disse que estava sendo vitimado
Por uma frieza descortês.

XVI

Conceição não compreendeu.
Era atenciosa e terna como sempre.
O que será que aconteceu?
Perguntava ela internamente.

XVII

Olegário se achava ignorado
Por sua mulher amada.
Estaria sendo deixado, por ela, de lado
Pelo próprio filho, uma criança tão abençoada!

XVIII

Com o tempo, o homem piorou.
Desconfiava de Conceição com empregados.
Isto, sobremaneira, o motivou
A ter comportamentos desvairados.

XIX

Saía à noite para beber.
Andava com prostitutas.
Todo o seu mal proceder,
Achava ser “medidas justas”.

XX

Conceição era inocente.
Desgostou-se bastante da vida.
Tornou-se uma esposa indiferente,
Dando mais atenção para as crianças queridas.

XXI

Elas já somavam três:
Um menino e duas meninas.
Todos estavam à mercê
De um ambiente cheio de intrigas.

XXII

Um dia veio o desastre.
Olegário, bêbado, bateu na esposa.
Isto provocou o desenlace
Daquela mulher tão boa.

XXIII

O desequilibrado marido
Só percebeu a tragédia,
No dia seguinte ao ocorrido,
Tentando despertá-la, já arrependido.

XXIV

O infeliz, então, enlouqueceu.
Não pensou nem nos rebentos!
Um forte veneno bebeu,
Tentando se punir pelo mau procedimento.

XXV

Hoje, Olegário ocupa outro corpo,
Através da reencarnação.
Deseja, subconscientemente, a regeneração
Ao lado da doce Conceição.

XXVI

Contudo, a nobre senhora
Já encontrou a evolução.
Não está na Terra nesta hora.
Apenas pede por ele, do Alto, em oração.

XXVII

Sabe que ele passará por dura provação.
Terá que mostrar um melhor entendimento
E real busca de renovação,
Através do remédio do sofrimento.

Poetinha, 31/05/2004.

25- O ARTESÃO

I

Com as mãos na argila macia,
Vivia a modelar
Ideias, sonhos e alegrias;
Até coisas que não se podia esperar.

II

Era feliz assim,
Vivendo de forma simplória.
Enquanto muitos queriam a glória,
Ele só pensava em trabalhar.

III

O artesão de nossa história
Se chamava Joaquim.
Não tinha frequentado a escola,
Mas tinha muita inteligência. Isso ele tinha sim!

IV

Era alma boa e singela,
Dividindo sempre o que ganhava.
Não faltava comida em sua panela,
Nem na de cada vizinho que ajudava.

V

Joaquim também fazia santos,
Que enfeitavam casas e, na igreja, o altar.
Já tinha vendido tantos,
Que não podia mais contar.

VI

Tinha fé no Catolicismo, em Jesus e Maria.
Ia à missa quase todos os dias,
Tomando a hóstia com alegria.
Era sempre bem vindo na Sacristia.

VII

Tornou-se devoto de São Sebastião,
Cuja data comemorativa não perdia.
Achava-o exemplo de retidão,
Força, fé e valentia.

VIII

Assim, sempre pedia,
Ao final de cada oração,
A bênção e a sua proteção.
Para ele, isto era de grande valia.

IX

Mas, o que o pobre Joaquim não sabia
É que estava deveras doente,
Porque trabalhava muito e não se abatia,
Nem em dia frio e nem em dia quente.

X

Então, veio-lhe uma ajuda espiritual
Para avisá-lo do problema.
Foi numa noite anormal,
Quando sonhou com um índio descomunal.

XI

Ele lhe disse: não tema!
Vim para lhe ajudar.
É urgente! Preciso lhe avisar!
Está doente, mas, se for obediente, vai sarar.

XII

Joaquim, alma simples,
Não duvidou.
Apenas perguntou
Se precisava procurar um “doutô”.

XIII

O Índio lhe respondeu que não,
Porque era homem de fé
E de muito bondoso coração,
Além de ser devoto de São Sebastião.

XIV

Explicou que o famoso santo
Havia lhe enviado,
Para que não sofresse tanto
E ficasse logo curado.

XV

Tendo despertado o artesão,
Este não dormiu mais.
Esperou pela manhã, pois, então,
Havia perdido a sua paz.

XVI

Logo que o dia clareou,
Foi a busca de padre João.
A ele tudo contou,
Perguntando como agir com boa razão.

XVII

O bondoso padre tentou
Aliviar-lhe o coração,
Dizendo que do sonho duvidou,
Devendo entregar-se à oração.

XVIII

Joaquim, contudo, não se aliviou.
Foi para casa, despedindo-se com educação.
Mais tarde vigorosamente vomitou,
Percebendo o sangue misturado no chão.

XIX

Após a crise, que mais o angustiou,
Sentiu suas forças em desfalecimento.
Para a cama retornou,
Buscando sono e refazimento.

XX

Novamente ele sonhou
Com o índio, que agora trazia medicamento.
Uma erva bem verde lhe mostrou,
Dizendo onde pegar e como usar a contento.

XXI

Joaquim, fraquejante, despertou
Com a erva em seu pensamento.
E na mata da montanha, atrás de seu bangalô,
A encontraria, aliviando-lhe o sofrimento.

XXII

Caminhou devagar, mas confiante,
Com a fé dos homens simples,
Que são chamados “pobres ignorantes”
Pelos homens de posse, tão arrogantes.

XXIII

Mas, lá em cima estava a sua cura.
No princípio ativo, escondido no vegetal.
Joaquim, tido por alguns como “cabeça dura”,
Venceria, pela inocência, o oculto mal.

XXIV

Junto a uma grande pedra redonda,
Estava a erva bendita,
Aglomerada em moita oblonga,
Pronta para ser colhida.

XXV

Em sua casa, no retorno,
Joaquim forte chá tomou.
Não estava quente, mas morno,
E logo lhe confortou.

XXVI

No dia seguinte, ainda não estava muito bem,
Embora o chá lhe renovasse as forças.
Mas em seu íntimo, confiante, dizia amém.
Se curaria, apesar das energias não tão moças.

XXVII

Semanas depois, teve outro sonho afinal.
Aparecia-lhe o índio, agora sorridente.
Explicou que o terrível mal
Já cedia, no seu ventre.

XXVIII

Deveria continuar com o chá.
Um copo por dia como fazia,
Mais um mês, até esgotar
A doença que lhe mataria.

XXIX

Assim fez o artesão,
Encontrando a cura completa.
Tornou a trabalhar com satisfação,
Redobrando a fé em São Sebastião.

XXX

O santo de sua devoção
Havia lhe mandado um mensageiro:
O anônimo índio grandalhão
Que nunca mais, até Joaquim, veio.

XXXI

Mas, o humilde médico das matas
Já estava em seu coração.
O artesão não era como as pessoas ingratas,
Que logo olvidam o benefício por desatenção.

XXXII

Cada vez que ia à igreja
E orava a São Sebastião,
Lembrava sempre, com certeza,
Daquele índio como bom espírito guardião.

Poetinha, 27/09/2005.

26- MENSAGEM FINAL DE POETINHA

I

Hoje posso dizer
Que sou muito feliz,
Pois estou sempre a fazer
A caridade sem esmorecer.

II

Servir é o meio
De se praticar o Amor.
Assim, estamos no seio
Da família do Cristo, o Nosso Senhor.

III

Repouso em belas plagas
Do mundo espiritual,
Após trabalhos de limpeza das muitas chagas
Dos meus irmãos, ainda, perdidos no mal.

IV

Desta forma caminho, resoluto,
Em busca de mais evolução.
Já fui espírito astuto,
Mas, agora, encontrei a redenção.

V

Não sei se voltarei à Terra,
Em outro corpo material.
Qual será o destino que me espera?
Isto depende de mais alta esfera espiritual.

VI

Posso dizer que não estou preocupado.
Apenas desejo evoluir.
Vivendo aqui ou em novo divino roçado,
Acredito piamente num melhor porvir.

VII

Este mundo será transformado.
Está em curso a grande separação
Do Joio e do trigo misturados.
A Terra será planeta de regeneração.

VIII

Mas, nenhuma ovelha será perdida
Do Aprisco do Divino Pastor.
É verdade! Algumas serão banidas,
Mas encontrarão, um dia, o caminho redentor.

IX

E assim transcorre a vida,
Não havendo, no fundo, um único perdedor.
De fato surgem muitas feridas:
É quando a dor nos impulsiona ao Amor.

X

As tristezas que cultivei já são passado.
Agora, semeio somente flores.
Elas perfumam as mãos de espíritos cansados,
Sendo bom lenitivo para as suas dores.

XI

Nobre Senhor da Luz,
Agradeço por mais esta oportunidade
De lembrar que Tu, ó Jesus,
És exemplo sublime para a Humanidade.

XII

Faz, de mim, um eficiente arauto
Da tua grande dignidade.
Irradia sobre nós, aí do Alto,
Esta tão forte energia de Amor e Humildade.

XIII

Assim, prosseguiremos em paz
E com renovada paciência,
Para ajudar quem ficou para trás,
Evitando a sua presença.

XIV

Àqueles que estão em trevas
Em suas próprias consciências,
Que ainda são servas
Da dura inclemência:

XV

Eu chamo a atenção,
Pois ainda há tempo
De pôr o coração
Para funcionar a contento.

XVI

Sempre há como se renovar.
Basta apenas querer,
Verdadeiramente, se entregar
Ao bom proceder.

XVII

E o bom procedimento
Está no Evangelho.
São tantos luminosos ensinamentos!
Quem poderá dizer que são rotos ou velhos?

XVIII

Antiga é a teimosia
Em responder instintivamente.
Eterna é a alegria
De quem perdoa infinitamente.

XIX

Orai e vigiai!
Tão simples lembrete!
Assim, o espírito não cai
Em escura noite deprimente.

XX

Amar, sobre todas as coisas, a Deus
E ao próximo como a si mesmo.
Jesus! Foram ensinamentos seus,
Que não ficarão, com certeza, a esmo.

XXI

Porque Céus e Terra passarão,
Mas não as suas palavras,
Que sendo gravadas dentro de cada coração,
Evitarão que nossas ações sejam tão falhas.

Poetinha, 29/11/2005.